

# Os Maias: um olhar irônico sobre a sociedade portuguesa\*

Wilson Barreto Fróis\*\*

## RESUMO

Este trabalho pretende discutir o romance **Os Maias**, de Eça de Queirós, enfatizando a ironia, o humor e a ambiguidade usados na análise da sociedade portuguesa, com base em estudos realizados por Antonio Candido, Helder Macedo e Lélia Duarte. O ensaio pretende também ressaltar a ideologia inserida no texto; além disso, busca demonstrar a valorização do leitor no exercício narrativo.

Palavras-chave: Eça de Queirós; **Os Maias**; Sociedade portuguesa; Ironia; Ambiguidade.

Como um dos produtos resultantes das transformações profundas ocorridas na Europa, em função dos impactos acentuados da civilização industrial e do desenvolvimento das ciências físicas e biológicas, surge o movimento estético realista.

Iniciado na França e na Inglaterra, essa tendência aparece em Portugal, em 1865, por intermédio de uma grande polêmica intelectual que entrou para a história da literatura portuguesa como a “Questão Coimbrã”.

\* Trabalho final apresentado à disciplina “Literatura Portuguesa: ambiguidades do realismo – do século XX ao XXI”, ministrada pela Profa. Dra. Lélia Maria Parreira Duarte, no 2º semestre de 2007, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

\*\* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas.

<sup>1</sup> Todas as citações de **Os Maias** se referem à edição brasileira de 1983 e serão indicadas apenas pelo número das páginas.

Esse embate envolveu, de um lado, jovens universitários de Coimbra – entusiasmados com os novos padrões estéticos e com as ideias revolucionárias que circulavam nos principais centros da Europa na época – e, de outro, escritores ainda fiéis à estética romântica. A nova geração, irreverente, não só assumia os novos padrões estéticos do Realismo, mas também adotava uma postura crítica mais ampla, denunciando o atraso e a decadência econômica, social e política de Portugal, visando à transformação geral do país.

Dentre os vários intelectuais dessa geração, destaca-se Eça de Queirós, cuja produção artística o coloca entre os maiores prosadores da língua portuguesa.

Na perspectiva da transformação social, Eça de Queirós escreveu vários romances, destacando-se entre eles **Os Maias**, no qual se traça um grande painel realista da sociedade portuguesa da época, perpassado de sátira, humor e ironia fina.

#### A IRONIA E O HUMOR NO EXAME DA SOCIEDADE PORTUGUESA

Segundo Iser, “como produto de um autor, cada texto literário é uma forma determinada de tematização do mundo”. (2002, p. 960) No romance **Os Maias**, Eça de Queirós discute a degradação da sociedade lisboeta. Através dessa produção da fase realista iconoclasta, faz-se um exame da alta sociedade portuguesa em todas as suas camadas: financistas, políticos, jornalistas, literatos, fidalgos e suas madames. Uma série de cenas da vida portuguesa é selecionada e inserida no universo ficcional: adultérios, saraus, festas à fantasia, jantares, jogatinas, corridas de cavalo, discussões de inúmeras referências históricas, científicas e literárias, ou seja o mundo extratextual, os campos de referência que o próprio Iser menciona.

A relação incestuosa que ocorre no romance serve, para Mas-saud Moisés (1977), como pretexto para o narrador eciano pintar também um grande quadro da fidalguia portuguesa em decomposição. Em conformidade com essa ideia, Macedo (2007, p. 73) afirma que o autêntico tema do romance “não é o incesto, é o drama dessa classe social, a tragédia da sociedade por ela dominada, a doença do País por ela enfermizado”.

Para chamar mais a atenção sobre esse organismo (a sociedade portuguesa) em processo degenerativo, o narrador de **Os Maias** vale-se do uso do humor e da ironia. Esse procedimento tem como objetivo a suposta cura desse organismo, a qual seria a mudança por que o espírito vanguardista de Eça lutava.

No interior do próprio romance, o personagem Afonso da Maia dá a sua “receita” para o organismo doente de Portugal “em três frases – aos políticos: ‘menos eloquência e mais caráter’; aos homens de letras: ‘menos eloquência e mais ideia’; aos cidadãos em geral: ‘menos progresso e mais moral’”. (p.441)

Nesse diagnóstico social, a ironia retórica, na concepção de Lausberg, citado por Lélia Duarte se manifesta. Segundo ela mesma, “a ironia retórica está sempre a serviço de um partido, de uma ideologia, de uma ‘verdade’”. (Cf., DUARTE, 2006, p.20) E essa verdade era colocar Portugal nos novos padrões estéticos e em conformidade com as ideias evolucionistas, positivistas e socialistas que circulavam pelos núcleos mais avançados da Europa, além de corrigir a hipocrisia daquela sociedade viciosamente burguesa.

Um dos aspectos alvo do olhar irônico do narrador é a pouca profundidade na discussão dos assuntos. O narrador, em **Os Maias**, revela-se impiedoso em relação às sentenças vazias e às frases prontas. A educação do país é mal vista na voz do personagem Eça, o qual funciona, às vezes, como uma espécie de consciência, representando o

pensamento vanguardista da época. A personagem desabafa: “Estou à espera que o país aprenda a ler”. (p. 331)

A classe política, inevitavelmente, é atingida por essa crítica. Através da ironia corrosiva do mencionado Ega, pode-se perceber quais são as qualidades essenciais para se chegar a ministro: “tem voz sonora, leu Maurício Block, está encalacrado, e é um asno”! (p. 156) Pelo olhar de Ega e do parceiro Carlos, a mediocridade e a ignorância do Conde Gouvarinho (legislador, ministro) ganham relevo. Seu conservadorismo e sua visão superficial da história, da pátria e da política ficam evidentes. Ega é implacável em relação a Portugal: “um país governado com imenso talento, que é de todos na Europa, segundo o consenso unânime, o mais estupidamente governado”! (p. 427) Souza Neto (oficial de uma grande repartição estatal, da instrução) é ironizado por demonstrar pleno desconhecimento de literatura.

Além da ignorância, a submissão da classe política ao poder econômico, algo bem atual, inclusive da realidade política brasileira, é ironizada. Assim comenta Ega: “Os políticos hoje eram bonecos de engonços, que faziam gestos e tomavam atitudes porque dois ou três financeiros por trás lhes puxavam pelos cordões...” (p. 539) Essa classe, representada pelo personagem Rufino, é ainda satirizada por sua eloquência parlamentar e bajulatória. É importante assinalar que a própria literatura eciana caracterizou-se como antideclamatória. Gilberto Freire, citado por Candido, afirma:

Eça foi para a mocidade intelectual brasileira da época aqui considerada como uma espécie de anti-Rui, ou de antiorador, trazendo até nós e contra um dos mais altos valores luso-brasileiros de então e de sempre o seu anticonselheirismo e o seu horror à eloquência parlamentar. (2000, p. 11)

O clero é outra classe que passa pelo crivo irônico do narrador. Ao descrever o gato de Afonso, afirma: “dorminhoco e obeso, entrara definitivamente no remanso das dignidades eclesiásticas, e era o Reverendo Bonifácio”. (p. 11) Nesse jogo com o sentido da palavra que privilegia o caráter ambíguo da literatura, possibilitando o potencial de entendimento divergente para o leitor, sugere-se a crítica ao desvirtuamento da classe religiosa.

Não escapa ao olhar irônico do narrador a subserviência de Portugal em relação a outros países europeus mais avançados. Fica patente, no início do romance, a desvalorização do profissional português, quando, na reforma do Ramalhete, despreza-se o arquiteto nacional. Carlos prefere trazer um de Londres. O personagem Craft, inglês, esbanja, no romance, sua influência entre os lisboetas, inclusive com o protagonista Carlos. A França, para vários, como Dâmaso Salcede, era, no aspecto cultural, a grande referência. A língua francesa, por exemplo, fazia-se presente em muitas cenas: “ – Ah! *Bonjour*, Melanie! – exclamava Dâmaso, no seu extraordinário francês. A criança estava melhor? *L`enfant était meilleur*”? (p. 203)

Além dos aspectos abordados, o quadro criticado amplia-se, incluindo o desregramento de vida, a hipocrisia, a sordidez da imprensa, a pieguice romântica, o parasitismo burguês, a falta de talento, a escassez de originalidade do Portugal decadente do final do século XIX, dentre outros.

A ironia eciana não se evidencia apenas nas construções frasais, mas também no brilho da criação de quadros e cenas, nos quais se revela a contradição humana. Como exemplo, o adultério (o pecado) pode aparecer num ambiente supostamente religioso: o ninho de amor de Carlos e a condessa Gouvarinho era numa sala impregnada de

versículos duros da Bíblia, ásperos conselhos de moral, gritos dos salmos, ameaças insolentes do inferno... E no meio desta religiosidade anglicana, à cabeceira de um leitozinho de ferro, rígido e virginal, duas garrafas quase vazias de conhaque e de gim. (p. 235)

Noutra passagem, a fotografia do falecido Pedro (pai de Carlos) demonstra sua reprovação pelo incesto dos filhos: “as velas continuavam a arder solitárias, fazendo ressaltar no painel escuro a palidez de Pedro da Maia, e a melancolia dos seus olhos”. (p. 370)

Não se deve ignorar, nesse universo do humor eciano, a exemplar construção de personagens caricatos: João da Ega, Eusebiozinho, Dâmaso, Alencar, conde Gouvarinho. O primeiro deles (Ega) era, inclusive, segundo Macedo (2007, p. 73), uma espécie de “caricatural projecção autobiográfica”. Através dele, Eça se autorretrata: como o talentoso escritor Eça, Ega era irreverente, repleto de ditos irônicos e frases retumbantes, detentor de um talento temido e exaltado. Eusebiozinho representava a caricatura típica da fraqueza moral e física dos românticos. Antonio Candido (2000, p. 15) assim define o autor de **A relíquia**: “Tinha o dom da caricatura, e poucos souberam, como ele, fazer graça carregada com tanta leveza.” Assim, o narrador eciano age como um chargista, facilitando a compreensão, uma vez que diminui a complexidade dos indivíduos, reduzindo-os a algumas características simplificadas.

O recurso da ironia adquire, às vezes, um tom acentuadamente melancólico. Sobre a relação vivida por Carlos e Maria Eduarda, Candido (2000, p. 20) afirma que o incesto que se configura “é também semente de significados profundos, é ironia trágica reveladora das nossas impossibilidades”. Assim, fica evidente a frustração diante da existência humana.

Retomando Candido (2000, p.19), “**Os Maias** terminam com reflexões desencantadas, sugerindo de maneira irônica o contraste entre

projeto e realização”. As ideias dos supostos revolucionários João da Ega e Carlos são contraditas nos seus respectivos comportamentos. Seus diversos projetos não saem do campo das ideias. No final do romance, o próprio Ega ironiza a si próprio, quando diz a Carlos, após um gesto de desolação: “– Falhamos a vida, menino!”. (p. 557)

Impõe-se, pois, no romance, uma história de fracassados, sejam românticos ou realistas. Tanto Pedro da Maia (romântico), quanto Carlos da Maia (de perfil revolucionário da geração de 70), não são exemplos de vencedores. Pedro termina tragicamente, enquanto que Carlos mergulha numa vida estéril, sem qualquer projeto seriamente útil. E, assim, a tragédia se consuma e leva o leitor a repensar o ser humano, de um modo geral, com inquietação e desconfiança.

## A AMBIGUIDADE

Embora **Os Maias** tenha sido enquadrado dentro de um tipo de obra, marcada pela ironia retórica, normalmente detentora de uma certa “verdade” transmitida ao leitor, pode-se perceber nesse romance de Eça, às vezes, uma certa abertura para a instabilidade dessa própria verdade. Essa situação lembra Nietzsche (1983), quando qualifica a verdade como ilusória e convencional. Esse procedimento ocorre pela inserção do mecanismo da ambiguidade – jogo de presença e ausência –, na percepção de Iser (2002).

No texto, o método realista não garante a veracidade da narrativa. Através da aparente “retratação da realidade”, há o filtro operador do olho do narrador que dificulta, por exemplo, o enquadramento absoluto de **Os Maias** na estética realista. Em alguns momentos, no texto, o Romantismo, ironicamente, invade o texto supostamente realista, como nesta idealização da personagem Maria Eduarda: “Craft e Carlos afastaram-se, ela passou diante deles, com um passo soberano de

deusa, maravilhosamente bem-feita, deixando atrás de si uma claridade, um reflexo de cabelos de ouro, e um aroma no ar". (p. 123) A objetividade, assim, acaba fazendo concessão à subjetividade do narrador.

Em várias situações do romance, pode-se verificar o determinismo materialista que permite a rotulação da obra como um "romance de tese". Pedro da Maia, ao contrário do que pretendia seu pai, cresceu e foi educado conforme os padrões românticos. Quando adulto, tornou-se frágil e melancólico. No final de sua vida, adota uma postura tipicamente romântica, procurando na morte a solução para o seu grave problema. Carlos era realmente um homem fruto do seu meio, produto de uma educação diferente daquela que tivera o seu pai. Serve, inclusive, para contrapor-se aos ideais românticos, como também o João da Ega; dessa forma, apresenta os valores do realismo. Além disso, foi condenado a viver no diletantismo, em função do meio em que vivera. Candido assim o define: "Carlos/da maia é uma espécie de ser socialmente perfeito na sociedade imperfeita." (2000, p. 19) Todavia, num determinado instante do romance, ele assume uma postura contraditória. Quando é denunciado o suposto adultério, do qual era protagonista, hesita, mas insiste na manutenção da paixão, revelando-se romântico: "E assim afrontaria o mundo numa soberba revolta, afirmando a onipotência, o reino único da paixão..." (p. 416)

No final, o texto define que todos são românticos: " – E que somos nós? – exclamou Ega. – Que temos nós sido desde o colégio, desde o exame de latim? Românticos: isto é, indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento, e não pela razão..." (p. 558)

Assim, não se pode afirmar, com segurança, que o romance desqualifica a postura romântica. A narrativa evolui, abre o texto para o contraditório – fator que valoriza a obra. Para Schlegel, citado por Souza (2000), todo livro que não se contradiz é incompleto. Dessa forma, a própria literatura desestabiliza qualquer proposta supostamente

absoluta, seja ideal ou real. “Na forma de conhecimento propugnado pela ironia, o real e o ideal são complementares, o que significa, em primeira e última análise, que eles não têm valor próprio e absoluto”. (SOUZA, 2000, p. 34) A suposta caricatura de Eça (Ega) conclui: “O velho Hugo é o campeão heroico de verdades eternas... É necessário um bocado de ideal, que diabo!... De resto o ideal pode ser real...” (p. 103)

Essa evolução que privilegia o jogo do contraditório, Candido (2000, p. 18) percebe-a nos romances **O crime do padre Amaro**, **Os Maias** e **A ilustre casa de Ramires**, em que Eça “vai da acerba crítica social à visão mais tolerante do homem e da sociedade, mostrando que o autor teve a rara capacidade de mudar sem perder o prumo e de se renovar no mesmo nível de excelência”. Pode-se deduzir, dessa forma, que o autor, já em **Os Maias**, sinaliza que a verdade é inconsistente.

Ainda no final do romance, outra situação ambígua se revela. Carlos e Ega afirmam que a vida não vale a enganadora busca da perfeição. Carlos confessa: “Com efeito, não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma.” (p. 559) E acaba correndo, juntamente com Ega, atrás de um veículo. A contradição, novamente, concretiza-se.

Segundo Helder Macedo (2000, p. 76), a crítica “aponta para um problema partilhado por todos os escritores,” incluindo mestres como Machado de Assis e Eça, naturalmente: “a relação sempre ambígua entre a verossimilhança dos fatos e a verdade das personagens”. O mestre português é capaz, por exemplo, de transformar a implausível metáfora do incesto no centro metafórico da plausibilidade realista, conseguindo, segundo Macedo (2000, p. 77) “dar às suas personagens uma veracidade que talvez nunca tivesse atingido nos romances anteriores”. Eça, magistralmente, dessa forma, revela “a veracidade da inverossimilhança”.

## O PROUDHONISMO

Entre as diversas teorias marcantes do final do século XIX que o romance **Os Maias** coloca em questão, indubitavelmente, o proudhonismo é a mais evidente.

Essa teoria do socialista francês Pierre Joseph Proudhon (1809-1865), autor do livro **O que é propriedade?**, na visão de Helder Macedo (2007), subjaz ao mais complexo realismo desenvolvido por Eça em **Os Maias**, especialmente no que se refere à distinção entre posse e propriedade. Para o socialista, a posse era a condição básica, “um direito”; e a propriedade, na sua famosa formulação, “um roubo”.

Assim, no romance, até pela condescendência que há em relação ao adultério, o amante não se caracteriza como “criminoso”, pois estava exercendo o seu legítimo direito de posse contra o proprietário. Carlos, enquanto amante da Gouvarinho, era o legítimo possuidor, exercendo o seu direito e o conde, o ladrão. Ega, no seu romance proibido com Raquel, seria o possuidor, fazendo valer seu direito. O marido dela, ironicamente, seria o criminoso.

Por outro lado, Ega e Carlos, enquanto burgueses parasitas, vivendo às custas de heranças, proprietários incapazes de transformar suas propriedades em posse, seriam os transgressores. Carlos, em especial, segundo Helder Macedo (2007, p. 72), “tornou-se no fim do livro no supremo exemplo do ‘ladrão’ proudhoniano, o proprietário ausente já nem sequer apenas das terras donde lhe vêm os rendimentos mas do próprio país, o alienado ‘homem mico que vive bem’ à custa da riqueza que não produz”. Noutra passagem, destaca-se, ironicamente, a improdutividade da família Maia. Sobre um dos poucos trabalhos do médico Carlos, o texto revela: “Salvara de um garrotilho a filha de um brasileiro, ao Aterro – e ganhara aí a sua primeira libra, a primeira que pelo seu trabalho ganhava um homem da sua família”. (p. 101)

Retomando as questões afetivas, a paixão de Pedro da Maia por Maria Monforte torna-se inviável, uma vez que ela, segundo Macedo (2007, p. 72), “está moralmente – proudhoniamente – contaminada pelas origens da fortuna do pai ‘negreiro’ (e de facto não há conflito moral mais evidente entre propriedade e posse do que a escravatura)”.

Assim, tanto nas questões de ordem material, quanto nas questões de ordem sentimental, a filosofia de Pierre Joseph Proudhon impõe-se, sutilmente, como uma das “verdades” da atitude moralizadora do narrador eciano. Afirma-se, assim, como ideologia, não no sentido de falsa consciência, mas como um conjunto de ideias dogmaticamente organizado como um sistema de luta política.

### A DUPLICAÇÃO DE IMAGENS

O brilho de **Os Maias** não reside apenas na importância da suposta documentação social que faz da burguesia lisboeta, através dos mecanismos do humor e da ironia.

Eça cria uma estrutura narrativa em que a justaposição expressiva se transforma, segundo Helder. Macedo (2007, p. 74),

num novo tipo de inter-referenciação subliminal, que resulta num sugestivo efeito de ‘dépà-vu’, criado através de paralelos temáticos e conceptuais entre personagens e situações nem sempre relacionadas que se vão duplicando como imagens umas das outras em diversas fases do romance.

Desse modo, através da linguagem, pinta-se um interessante retrato de conjunto do contexto social lisboeta.

A seguir, alguns exemplos desse processo criativo serão mencionados para melhor elucidá-lo. Dâmaso Salcedo, de caricaturais

aspirações parisienses imita Carlos, que por sua vez vê em Craft um modelo de bom gosto. O acesso amoroso de Carlos à Condessa de Gouvarinho, via sua nunca assumida profissão de médico, repete-se em relação à Maria Eduarda. No caso da primeira, o pretexto se deu pelo tratamento do filho dela, no caso da segunda, em função da filha. O suicídio de Pedro da Maia repete, embora em circunstâncias diferentes, o ato do avô de sua mulher. Para completar esse trágico ciclo, Carlos (filho de Pedro) ao se permitir o incesto, comete, na percepção do crítico Helder Macedo (2007), uma espécie de suicídio moral. A fantasia de Carlos, ao decidir-se pela fuga para a Itália com Maria Eduarda, corresponde à fuga de Maria Monforte com o seu príncipe italiano. As ambivalências de Afonso da Maia no que se refere aos seus ideais políticos de juventude repercutem nas ambivalências do neto em relação aos seus ideais da profissão. Ainda um outro reflexo pode-se constatar no exacerbado romantismo de Tomás de Alencar: quando ele usa seus derivativos versos como instrumentos de sedução tem o seu semelhante valor no ultrarrealismo do aspirante a escritor João da Ega, que utiliza a sua suposta criatividade literária para, segundo Macedo (2007, p. 75), “tentar seduzir, com igual insucesso, a mulher de um suposto amigo”. A repugnância de Carlos pelo perfume de Maria Eduarda no momento em que se relacionam sexualmente depois de ele saber que são irmãos corresponde ao seu súbito desconforto pelo perfume da Condessa de Gouvarinho, quando ficou sexualmente saciado dela.

Esse engenhoso processo de duplicação de imagens, que fortalece a literariedade, atravessa o texto do romance, “como uma latência metafórica, até à culminante imagem de espelho que é a descrição do último encontro sexual incestuoso de Carlos e Maria Eduarda”. (MACEDO, 2007, p. 75)

## A VALORIZAÇÃO DO LEITOR

Através da ambiguidade, do humor e da ironia, o narrador envolve o leitor, na perspectiva de fazê-lo pensar. A leitura eficiente do texto eciano, assim, deve ser ativa, exigindo do leitor atenção redobrada para que se percebam as contradições e as frequentes rupturas do significado lexical. Dessa forma, lembrando Iser (2002), a função designativa dá lugar à função figurativa. Duarte (2006, p. 183) declara sobre o autor: “Eça não apresenta lições prontas a serem recebidas passivamente. Apura, pelo contrário, a arte realista, usando para isso a ironia.” Esse recurso garante, na visão de Souza (2000), a interação dialógica do autor e do leitor.

O segundo aspecto valorizador do leitor se concretiza pela multiplicidade de referências (históricas, literárias, filosóficas, científicas, artísticas) inseridas no romance, através de um autêntico debate, que privilegia, frequentemente, o rico trabalho intertextual.

Por intermédio desse procedimento, leva-se o leitor à aquisição de novos conhecimentos. E essa valorização não se esgota na referenciação, mas também na privilegiada polifonia no interior do texto, contemplando diferentes opiniões ou percepções sobre vários temas. Para Iser (2002, p. 966), “a ficção pode manter unidas dentro de um único espaço uma variedade de linguagens, de níveis de focos, de pontos de vista, que seriam contraditórios noutras espécies de discurso”. Em **Os Maias**, o discurso ficcional da literatura se apropria das referencialidades, não para endossá-las, mas para colocá-las em questão.

O narrador de **Os Maias**, assim, impõe-se como um autêntico mediador. Diversos temas são debatidos no texto. A tensão romantismo x naturalismo verifica-se no confronto entre Ega e Alencar, que funciona com uma espécie de caricatura da própria “Questão Coimbrã.” Miss Sarah expõe suas ideias socialistas que contrariam políticos

burgueses e reacionários como o Conde Gouvarinho, que reage, assim, aos versos de Alencar pela simples menção aos problemas sociais: “– Numa festa de sociedade, sob a proteção da rainha, diante de um ministro da coroa, falar de barricadas, prometer mundos e fundos às classes proletárias... É perfeitamente indecente!” (p. 477) Em relação a esse caráter mediatório do texto, Candido (2000, p. 18) confessa: “Eça começou para mim sobretudo como mediador.” Através dele, o renomado crítico confessa ter descoberto Baudelaire e usufruído da sua poesia.

Da mesma forma que Eça serviu de ponte para Candido chegar a Baudelaire, um leitor curioso, de perfil moralista e religioso, pode, via **Os Maias**, mergulhar na poesia de pensamento religioso-moral do alemão Klopstock, enquanto que um leitor – absolutamente sensível em relação aos problemas sociais – pode ingressar no universo literário de um Vitor Hugo.

Nessa perspectiva de mediação, para os que se interessam pela explicação da origem das realidades, **Os Maias** pode servir de trampolim para um melhor conhecimento da filosofia do inglês Herbert Spencer – leitura revolucionária do protagonista Carlos.

Para dar um outro exemplo, pela leitura de **Os Maias**, os adeptos ou simpatizantes dos movimentos de esquerda, podem ser levados ao conhecimento da mencionada filosofia de Proudhon, que lhes proporcionaria a descoberta da fundamentação teórica de várias bandeiras esquerdistas, entre elas, por exemplo, a da reforma agrária. Isso é respaldado por Wolfgang Iser (2002, p. 971) quando afirma: “há pleno reconhecimento da importância da ficção para a constituição de nosso acesso ao mundo”.

Além dos aspectos abordados, há momentos em que o romance leva o leitor a refletir sobre o próprio texto literário, revelando a metalinguagem da narrativa: “... a literatura era a imaginação, a fantasia, o ideal... Hoje é a realidade, a experiência, o fato positivo, o documento”. (p. 450)

O romance **Os Maias**, seja pela ambiguidade da ironia, seja pelo caráter mediador, seja pelo suposto documento social, ainda atualmente preserva uma grande força crítica, pois continua a instigar a consciência do leitor, promovendo o questionamento e a reflexão, sempre privilegiando o exercício da leitura. Assim, “o leitor passa a ter lugar de destaque nessa arte, dada a valorização da leitura/percepção da construção da trama textual”. (DUARTE, 2006, p. 180)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recentemente, em entrevista ao jornal **Estado de Minas** de 15 de dezembro de 2007, Antonio Candido destacou **Os Maias** como uma das obras que merecem ser relidas a vida toda. Essa declaração representa a consagração definitiva do romance mencionado pelo crítico brasileiro.

Não há exagero nessa ênfase. Obra extensa, sem ser exaustiva, o romance mencionado por Candido, ao contrário de **O Primo Basílio** e **O crime de Padre Amaro**, não serviu, segundo Helder Macedo (2007, p. 71), a sua ideologia: “N`**Os Maias** é o contrário que acontece: a ideologia é um suporte da criatividade, e o resultado é uma obra realista que, ao mesmo tempo, transcende todas as categorizações de escola literária.”

Assim, torna-se desconfortável rotular **Os Maias** como um “romance de tese”, por exemplo, ou restringi-lo a uma produção exclusivamente realista. Nessa grande produção de Eça, o projeto Realista não chega a predominar, uma vez que a narrativa ocupa-se bastante com uma trama tipicamente romanesca, desenvolvida (vale assinalar) numa técnica impecável, colocada a serviço de um grande quadro desmitificador da sociedade portuguesa.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss Eça de Queirós's novel **Os Maias**, emphasizing the irony, the humor and the ambiguity, which are used in the analysis of the Portuguese society, with basis on Antonio Candido's, Helder Macedo's and Lélia Duarte's studies. This essay also intends to analyze the ideology that is inserted in the text; besides, it aims to demonstrate the reader's valuation by the narrative exercise.

Key words: Eça de Queirós; **Os Maias**; Portuguese society; Irony; Ambiguity.

## Referências

CANDIDO, Antonio. Eça de Queirós, passado e presente. In: ABDALA JR., Benjamim (Org.). **Ecos do Brasil Eça de Queirós** leituras brasileiras e portuguesas. São Paulo: Ed. Senac, 2000, p.11-22.

CANDIDO, Antonio. Sempre estou em Minas. Entrevista concedida ao jornal **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 15 dez. 2007. Pensar, p. 4-5.

DUARTE, Lélia. A criatividade que liberta: riso, humor e morte. In: **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006, p. 51-67.

DUARTE, Lélia. Arte & manhas da ironia e do humor. In: **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006, p. 17-50.

DUARTE, Lélia. A valorização do leitor na obra de Eça de Queirós. In: **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006, p. 177-197.

ESPÍRITO SANTO, Suely do. **As personagens femininas e a ironia de Eça de Queirós**. Disponível em < <http://www.filologia.org.br/soletras/1/03.htm>> Acesso em: 3 set. 2007.

FARACO, Carlos Alberto. Século XIX-Realismo. In: **Português: língua e cultura**. Curitiba: Base, 2003, p. 538-539.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, L. Costa. (Org.) **Teoria da literatura em suas fontes**. V. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 955-987.

MACEDO, Helder. Os Maias e a veracidade da inverossimilhança. In: **Trinta Leituras**. Lisboa: Presença, 2007, p. 70-77.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1977..

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. In: **Obras Incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Rodrigues Torres Filho. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 43-52.

QUEIRÓS, Eça de. **Os Maias**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

SOUZA, Ronaldes de Melo e. Introdução à poética da ironia. In: **Linha de Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 27-48, out. 2000.

